

# Partituras

José Augusto Mannis

Gérard Grisey (1946-1998)

"Partiels" para 16 ou 18 instrumentos (1975)

Editora: G. Ricordi & C. Editori, Milano

Número: 132423

Ano publicação: 1978

Formato: 34 x 45 cm

63 p.

Duração: 23'

Efetivo: 2 flautas (piccolo / flauta em sol), 1 oboé / corne inglês, 2 clarinetas (clarineta em lá bemol/ clarineta em mi bemol, clarineta baixo/clarineta contrabaixo), 2 trompas (ou 1), trombone tenor-baixo, 2 percussionistas (ou 1), órgão elétrico, 2 violinos, 2 violas, violoncelo, contrabaixo

Encomenda: Ministério da Cultura da França

Estréia: 4 de março de 1976, Paris pelo Ensemble l'Itinéraire. Regência: Boris de Vinogradov

A obra integra o ciclo *Espaces acoustiques* (1975-1985) constituído por *Prologue*, para viola solo, *Périodes*, para 7 instrumentos, *Partiels*, para 16 ou 18 instrumentos, *Modulations* para 33 instrumentos, *Transitoires* para grande orquestra e *Epilogue*, para 4 trompas solo e grande orquestra.

*Partiels* é uma das obras do período inicial do movimento chamado música espectral, surgido na França na década de 70 cujos principais pioneiros são Gérard Grisey e Tristan Murail, baseado na observação-análise de fenômenos acústicos e de procedimentos de tratamento do som para a criação de modelos formais para uma obra musical. Nessa linha a noção de *desenvolvimento* é substituída pela de *processo* de evolução de um estado em permanente mutação. Em *Partiels*, Grisey se inspira na técnica de síntese aditiva, por meio da qual um som é construído à partir de inúmeros componentes elementares, e elabora uma síntese instrumental, em que cada instrumento assume o papel de uma componente parcial gerando um resultado sonoro global, o que produz para a percepção humana o efeito de desaparecimento da individualidade de cada fonte sonora (instrumento) para dar origem a um produto sonoro sintético totalmente inventado pelo compositor. Nesta partitura, duas balizas orientam a transformação progressiva do material sonoro: a periodicidade e o modelo espectral dos sons que dão continuidade e dinâmica ao discurso musical através da forma cíclica da respiração humana: inspiração – expiração – repouso.

Philippe Hurel (1955)

"Fragment de lune" para conjunto instrumental e dispositivo eletroacústico ao vivo (1986-1987, rev.1988)

Editora: Gérard Billaudot Editeur, Paris

Número: G. 4321B

Ano publicação: s. d.

Formato: 37 x 27 cm

90 p.

(Cópiaheliográfica)

Duração:19'

Efetivo: orquestra de câmara sem cordas (17 instrumentistas) – 2 flautas, 1 oboé, 2 clarinetas, 1 fagote, 1 saxofone alto, 2 trompas, 1 trompete, 1 trombone, 2 percussionistas, 2 sintetizadores TX816 comandados por teclado KX88 Yamaha, central de direção do som, microcomputador Macintosh

Realização eletrônica: Ircam, assistentes: Fabrice Guédy, Jan Vandenheede (versão definitiva)

Encomenda: Ircam

Estreia: 12 de outubro de 1986, Centre Georges Pompidou, Paris (primeira versão)

Ensemble l'itinéraire, equipe técnica do Ircam. Regência: Marc-André Dalbavie

A obra é baseada num fragmento de *Diamant Lunaire* (1985-1986), completando um ciclo de três peças: *Diamants imaginaires*, *Diamant lunaire* e *Fragment de lune*.

*Fragment de lune* foi composta com auxílio de um microcomputador empregando um pequeno dispositivo eletrônico, atuando na elaboração da escrita instrumental (cálculo das alturas e das durações) e na realização dos sons a serem executados pelos teclados ao vivo. Esta parte eletrônica tem uma função de 'modelo sonoro' quando as componentes parciais dos espectros dos sons tocados pelos teclados são reproduzidas pelo grupo instrumental, que acaba sendo absorvido pelo som sintético. Inversamente, os sintetizadores podem reproduzir um som instrumental e, por sua vez, serem absorvidos pelo grupo. Através do computador os sons podem ser transformados no decorrer da obra, passando progressivamente de uma dessas situações à outra. Esses dois aspectos da parte eletrônica estão estreitamente ligados ao discurso musical: no primeiro caso o ouvinte tem uma sensação de fusão enquanto no segundo a percepção é de natureza mais tradicional, ou seja, os instrumentos executando suas partes. Assim a forma da peça é concebida como uma lenta transição entre as texturas/timbres que o ouvinte percebe globalmente, e as estruturas mais diferenciadas de ordem melódica ou polifônica. Hurel realizou este trabalho a partir de pesquisas psicoacústicas sobre a percepção melódica (formação de "flots" – "torrentes") que antes já marcaram obras como *Modulations* (1976-1978) de Gérard Grisey. Em *Fragment de lune* a utilização constante da repetição que aparece não somente na organização das melodias executadas pelo conjunto instrumental ou pelos sintetizadores, mas também na organização da forma, o que cria um jogo de flashes e alusões a situações musicais identificadas no decorrer da obra.

Henri Dutilleux (1916)

"Métaboles" para grande orquestra (1964)

Movimentos: 1. Incantatoire, 2. Linéaire, 3. Obsessionnel, 4. Torpide,

5. Flamboyant

Editora: Heugel & Cie, Paris

Número: H. 31794

Ano publicação: 1967

Formato: 27 x 18 cm

118 p.

Duração: 17'

Efetivo: grande orquestra (93 músicos) – 4 flautas, 4 oboés, 4 clarinetas, 4 fagotes, 4 trompas, 4 trompetes, 3 trombones, 1 tuba, 3 percussionistas, 4 tímpanos, glockenspiel, xilofone, celesta, harpa, 14 primeiros violinos, 12 segundos violinos, 10 violas, 10 violoncelos, 8 contrabaixos.

Encomenda: The Musical Arts Association (George Szell) por ocasião do 40º Aniversário da Orquestra de Cleveland

Estréia: 15 de novembro de 1965, Cleveland, EUA, Orquestra de Cleveland

O título da obra refere-se a uma figura de retórica – metábole – que consiste na repetição de uma mesma idéia com termos diferentes. Nesta partitura Dutilleux apresenta uma ou mais idéias musicais sucessivamente, em ordens variadas e sob diferentes aspectos, até ocorrer uma verdadeira modificação na natureza delas. Formalmente a obra é constituída de diversas peças unidas umas às outras com o seguinte esquema: a figura apresentada no início, seja melódica, rítmica ou harmônica, sofre uma série de transformações. Num determinado momento a deformação chega a tal ponto que acaba gerando uma nova figura, em filigrana sob a trama orquestral. Esta figura será o ponto de partida da peça seguinte, e assim por diante até o final, onde, na coda, ressurgue o primeiro motivo da obra.

Emmanuel Nunes (1941)

"Grund" para flauta em Sol e 8 flautas em Sol e baixo

pré-gravadas (1982-1983)

Editora: Jobert, Paris

Número: J.J. 1038

Ano publicação: 1984

Formato: 26 x 37 cm

14 p.

(Folhas soltas)

Duração: 27'

Efetivo: flauta em sol, fita magnética 4 ou 8 pistas (em locação no editor)

Realização da fita magnética: C.E.R.M., Metz por François Pinot (engenheiro de som) com Pierre-Yves Artaud executando as oito partes pré-gravadas

Encomenda: Ministério da Cultura da França

Estréia: 1983, Paris, Pierre-Yves Artaud (flauta)

O solista evolui sobre um tapete de flautas, diferenciando-se pela escrita de sua parte e, evidentemente, pela presença do intérprete. A parte das oito flautas pré-gravadas apresenta-se em dez seqüências que utilizam somente oito notas – lá, sib, si, dó#, ré#, fá, fá#, sol – ou a transposição destas uma quinta abaixo. Os registros das alturas permanecem constantes durante cada seqüência. Os oito canais da fita magnética circundam o solista e o público e seguem um plano de distribuição de ataques no espaço, criando trajetórias ou então dando a impressão de suspensão (movimentos não direcionais), mas sem preocupação de trabalhar formalmente com o movimento no espaço, devido às limitações técnicas pelo fato de ser trabalhadas oito execuções sobrepostas. O número de canais pode variar de um movimento para outro. O princípio de escrita modifica-se a cada seqüência, como por exemplo, superposição de periodicidades, loopings (trechos repetidos) saltando de um canal a outro a cada repetição. O solista encontra-se freqüentemente rodeado por uma floresta de seres sonoros similares em simbiose, diferenciados por diversos fatores, como modos de tocar, registro, distanciamento da tomada de som. Emmanuel Nunes explorou uma grande diversidade de técnicas instrumentais recentemente desenvolvidas para a flauta (\*) fazendo com que a obra ofereça uma esplêndida palheta de cores sonoras.

O solista Pierre-Yves Artaud e o compositor Gérard Geay desenvolveram uma grande pesquisa nesse sentido, resultando na publicação *Flûtes au présent: traité des techniques contemporaines sur les flûtes traversières à l'usage des compositeurs et flûtistes*, Editions Jobert & Editions Musicales Transatlantiques: Paris, 1980.

Georges Aperghis (1945)

"*Récitations*" para voz solo (1978)

Editora: Salabert, Paris

Número: E.A.S. 17332

Ano publicação: 1982

Formato: 27 x 35 cm

14 p.

Duração: 38'

Efetivo: voz solo

Estréia: Julho de 1982, Festival d'Avignon, Martine Viard (soprano), *mise-en-scène*:

Michel Rostain

Para Georges Aperghis questionar radicalmente as relações entre teatro e música herdadas da ópera ou do concerto, implica a invenção de métodos de trabalho originais, capazes de romper o isolamento no qual compositores, autores, diretores e intérpretes vinham trabalhando. O espetáculo não pode ser concebido antecipadamente como um produto acabado. Ao contrário, deve ser fruto de uma aventura compartilhada por uma equipe de artistas e artesãos cujas experiências se fecundam umas às outras. Aperghis é um dos grandes pioneiros do teatro musical na França, um gênero que se caracteriza pela escrita sobre suporte musical tradicional, mas também sobre suporte teatral (gestos, movimentos, expressões, luz, cenário, etc.) e sobretudo pela indissociabilidade de todos os elementos, o que acabaria deixando a obra descaracterizada. *Récitations* é um trabalho sobre a linguagem falada. Ela utiliza um vocabulário baseado na fragmentação de sílabas empregadas através de um jogo de palavras-sons, regido por um princípio de acumulação. A obra é constituída por 14 peças (recitações) em seqüência. A cada peça corresponde um tratamento diferente das séries de sons ligados ao encadeamento de cada sílaba. Essa escrita que visa a teatralização do som, apóia-se sobretudo nas indicações de timbres e de cores da voz. Na *mise-en-scène* de Michel Rostain, a situação é a de uma mulher que conta coisas de sua vida. Como um diário com lacunas, em que faltam palavras e frases. Porém, há uma força no interior da personagem e da situação que se encarna em objetos e espaços dessa vida. Fragmentos, lembranças, seus talentos, suas limitações – a multiplicidade das facetas dessa mulher – organizam-se em torno do que ela faz a cada momento durante o espetáculo. Encenar uma partitura assim, sem palavras, causa todos os tipos de dificuldades. Como lembra Rostain, "sabe-se que a música não diz nada precisamente e ao mesmo tempo diz uma infinidade de coisas. Porém ela não diz qualquer coisa."

---

José Augusto Mannis (1958, São Paulo) Estudos de composição no Instituto de Artes da Unesp e no Conservatório Nacional Superior de Música de Paris. Mestrado pela Universidade de Paris VIII sob a orientação de Daniel Charles com a tese "L'Electroacoustique dans la musique d` aujourd`hui". Doutorando pela ECA/USP. Trabalhou no Ensemble de l'itinéraire, Groupe de Recherches Musicales (INA/GRM), Espace Musical (Paris), La Grande Fabrique (Dieppe) tendo ainda participado de numerosos projetos com grupos dedicados à música contemporânea na Europa (Grupo Círculo – Madrid, Ensemble Antidogma – Turim, 2e2m e Ensemble InterContemporain – Paris) e no Brasil (Duo Diálogos – São Paulo). Idealizador e Coordenador da filial brasileira do Centre de Documentation de la Musique Contemporaine sediada na Cité de la Musique (Paris) instalada em 1989 na Unicamp. Idealizador e coordenador do *Musicon – Guia da Música Contemporânea Brasileira*, CDMC/Unicamp. Como compositor seu repertório abrange diversos gêneros, como música de câmara, música eletroacústica, instalações sonoras, trilhas para teatro e vídeo, tendo obtido encomendas de entidades internacionais como o Ministério da Cultura da França e a Radio France.